

MARANHÃO, PAULO

*jornalista; dep. fed. PA 1924-1930 e 1951-1955.

João Paulo de Albuquerque Maranhão nasceu em Belém no dia 11 de abril de 1872, filho de Manuel de Albuquerque Maranhão e de Luísa Francisca de Albuquerque Maranhão. Seu irmão, Raimundo Rodrigues Barbosa, general do Exército, foi interventor federal na Bahia em 1931 e ministro do Superior — então Supremo — Tribunal Militar (STM) de 1938 a 1943.

Após completar os estudos primários, cursou o Colégio Marquês de Santa Cruz e o Liceu Paraense, ambos na capital do estado. Órfão desde cedo, ainda estudante começou a trabalhar como aprendiz de torneiro e serralheiro e como distribuidor da revista *Arena*, impressa nas oficinas do *Diário de Belém*, no qual passou também a colaborar gratuitamente. Devido a dificuldades financeiras, tornou-se embarcadinho em vapores das linhas fluviais amazonenses até 1889, quando passou a suplente de repórter do *Diário do Grão-Pará*. Transferiu-se a seguir desse jornal para *A República*, órgão do Partido Conservador, onde exerceu as funções de revisor, repórter, secretário e, finalmente, diretor. Por essa época, fez concurso para a regência de turmas primárias, obtendo aprovação e sendo nomeado professor em fevereiro de 1892. Lecionou provisoriamente na escola elementar de Maú, município de Marapanim (PA), depois em Capi (PA) e, um ano mais tarde, já como professor efetivo, passou a dar aulas em Quitéria, município de Viseu (PA). Em 1896 começou trabalhar como revisor no jornal *Folha do Norte*, fundado no mesmo ano por Eneias Martins, que fora seu padrinho de casamento. Nesse órgão da imprensa, no qual permaneceria durante toda a vida, chegou mais tarde a redator-chefe. Nessa função, participou intensamente da oposição ao governo de Augusto Montenegro (1901-1909), político do Partido Republicano do Pará apoiado por Antônio Lemos, importante chefe político no estado e proprietário do jornal *A Província*. Devido a desentendimentos com Augusto Montenegro, Eneias Martins transferiu-se para o estado do Amazonas, por onde se elegeu deputado federal, e passou a propriedade de seu jornal a Cipriano Santos. Paulo Maranhão foi mantido como redator-chefe da *Folha do Norte*, mas, devido à forte pressão de Antônio Lemos sobre os opositores do governo, foi obrigado a refugiar-se com sua família nos altos do prédio do jornal. Ali permaneceu durante 12 anos a salvo de possíveis

atentados cometidos por homens de Antônio Lemos.

Em 1912 o governador João Coelho (1909-1913), sucessor de Augusto Montenegro, rompeu com Antônio Lemos, que, perseguido, fugiu do Pará. Nesse mesmo ano, Paulo Maranhão deixou seu refúgio e obteve a nomeação para professor de literatura da Escola Normal. No ano seguinte assumiu o governo do estado Eneias Martins (1913-1917), que tentou conciliar os diversos partidos. Cipriano Santos, proprietário da *Folha do Norte*, rompeu com o governador e foi apoiado por Paulo Maranhão, que redigiu e publicou naquele jornal uma carta intitulada “A você, Eneias”, recriminando sua estratégia política e reafirmando a solidariedade a Cipriano Santos.

A agitação política culminou com a deposição de Eneias Martins em 1917 e sua substituição por Lauro Sodré (1917-1921). Nomeado então secretário estadual de Instrução Pública, Paulo Maranhão adquiriu em 1919 a propriedade da *Folha do Norte* e introduziu importantes modificações no jornal, que o levaram à liderança, não só no Pará, como em toda a Amazônia. No governo seguinte, de Antônio Emiliano de Sousa Castro (1921-1925), foi senador estadual no Pará e diretor da Recebedoria de Rendas.

Em 1924 elegeu-se deputado federal pelo Pará, sendo reeleito em 1927 e 1930. Deixou a Câmara dos Deputados em outubro desse ano, quando, com a vitória da Revolução de 1930, os órgãos legislativos do país foram suprimidos. Nessa época a *Folha do Norte* voltou a sofrer perseguições. Em 1934, o interventor federal no Pará, Joaquim de Magalhães Barata (1930-1935), prendeu Paulo Maranhão e deportou seu filho, João Maranhão, que era gerente do jornal. Após a queda de Magalhães Barata em 1935, a situação política readquiriu certa estabilidade, mas em 1943, quando Barata retornou ao Pará como interventor, mandou prender novamente Paulo Maranhão e nomeou um interventor para a *Folha*, Pedro Timóteo. Este foi substituído por Paulo Eleutério, que permaneceu no cargo até setembro de 1943. Nesse momento, Getúlio Vargas ordenou a restituição do jornal a Paulo Maranhão, o qual, mesmo assim, continuou a sofrer perseguições.

Com a queda do Estado Novo em outubro de 1945, e, consequentemente, do governo de Magalhães Barata, Paulo Maranhão candidatou-se ao Senado pelo Pará no pleito suplementar de janeiro de 1947 na legenda do Partido Social Progressista (PSP), mas foi derrotado por José Augusto Meira Dantas, do Partido Social Democrático (PSD).

Na campanha eleitoral para o governo do estado em 1950, moveu forte oposição a Magalhães Barata através da *Folha do Norte*, conseguindo que este fosse derrotado por Alexandre Zacarias de Assunção. Nesse mesmo pleito elegeu-se deputado federal pelo Pará na legenda da Coligação Democrática Paraense, formada pela União Democrática Nacional (UDN), o Partido Libertador (PL), o Partido Social Trabalhista (PST) e o PSP. Assumindo o mandato em fevereiro de 1951, nas eleições de outubro de 1954 candidatou-se novamente ao Senado pelo Pará na legenda do PSP, mas foi derrotado por Magalhães Barata, do PSD. Deixou a Câmara dos Deputados em janeiro de 1955. Em outubro desse mesmo ano, Magalhães Barata foi reeleito governador do Pará, continuando a sofrer forte oposição por parte de Paulo Maranhão através da *Folha*.

Em abril de 1964, Paulo Maranhão apoiou o movimento político-militar que depôs o presidente João Goulart (1961-1964), mas opôs-se ao primeiro governador do Pará após o movimento, o coronel Jarbas Passarinho (1964-1966), que, na época, se disse admirador de Magalhães Barata.

Ao longo da vida, foi também membro fundador da Academia Paraense de Letras, diretor do semanário *Marapaniense*, do interior do estado, e diretor-proprietário da *Folha Vespertina*. Seus últimos escritos foram publicados na *Folha do Norte* sob o título “Sócios de um espírito sonolento” e na coluna diária “Vozes da rua”.

Faleceu em Belém no dia 19 de abril de 1966.

Era casado com Antônio Oeiras, com quem teve oito filhos.

FONTES: BORGES, R. *Vultos*; CÂM. DEP. *Deputados*; CÂM. DEP. *Relação dos dep.*; CISNEIROS, A. *Parlamentares*; ENTREV. BIOG.; *Grande encic. Delta*; ROQUE, C. *Grande*; TRIB. SUP. ELEIT. *Dados* (2 e 7).